

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tarde

Class.: Sertanistas

Data: 01/03/93

Pg.: 238

Sertanista acha que já não há extermínio de indígenas

Depois de passar 45 anos de sua vida embrenhado nas selvas do Amazonas, Pará, Maranhão e Amapá, o sertanista João Carvalho, 70 anos, tem um sonho bem civilizado: escrever um livro contando uma gama infinita de histórias vividas em meio a tribos ainda selvagens, muitas das quais ele contactou pela primeira vez. Tendo ingressado no antigo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) em 1946, o sertanista aposentou-se no ano passado, e deixou sua casa em Belém para descansar uns dias na praia de Buraquinho, onde mora a filha caçula, Dina, nascida na aldeia dos índios Urubu.

João Carvalho faz revelações surpreendentes, como o crescimento das taxas de natalidade nas aldeias indígenas, e afirma que, no Norte do País, as populações indígenas têm crescido muito, contrariando as idéias de extinção desses povos. "Extermínio é coisa antiga, não existe mais. O que mata são as epidemias, que de vez em quando acontecem, mas matam menos hoje porque as crianças índias, logo que nascem, recebem todas as vacinas que as crianças brancas recebem, como tríplice, contra difteria, pólio, tudo".

FLECHADA

O livro ainda "está nos diários, lá em



Foto: Mara Mercia

João Carvalho quase foi morto a flechadas

Belém", mas é um projeto que João Carvalho pretende levar avante. Sua paixão, desde o ingresso no SPI, hoje Funai, sempre foi as tribos ainda sem contato com os brancos, isoladas no mato. "É no meio do mato que eu gosto de trabalhar, onde você sente a sinceridade, a verdade dessa gente", diz João, que entre outras aventuras quase foi morto a flechada em junho de 1979, quando estava "em fase

de namoro" com a tribo dos Arara, entre Altamira e Santarém, no Pará.

A última comunidade indígena contatada pelo sertanista não passava de um grupo de cinco pessoas (três homens, uma mulher e uma criança) da mesma família, em maio do ano passado, fato documentado pela equipe de uma televisão japonesa que entrou na selva com ele. A aventura durou para ele, que é considerado "pé quente" nesse trabalho, apenas uma semana, enquanto os japoneses tentavam há seis meses localizar esses índios, remanescentes da tribo Guajá. Infelizmente, coloca João Carvalho, bem poucos índios ainda conhecem sua raiz lingüística.

Em compensação, garante, no Norte ainda há muitas tribos isoladas, que não têm qualquer contato com o homem branco. Os guajá, conta o sertanista, foram localizados entre os municípios de Amarantes e João Lisboa, no Maranhão, e um parente desse pequeno grupo, de grande importância antropológica, já havia sido antes localizado na Bahia, sem que se saiba como ele chegou até aqui. Ele lamenta a grande invasão de terras indígenas por parte dos brancos, mas adianta que muitos índios também contribuem para isso, quando "vendem a madeira toda, gostam muito de dinheiro" como os caiapó e paracanã, e não querem fazer nada por sua gente e sua tribo quando recebem educação e outros benefícios, como Juruena e Marcos Terena. A Funai, ele afirma, é muito criticada, "mas ninguém dá solução para ela. Queria que a população ribeirinha tivesse pelo menos 50% da assistência que a Funai dá aos índios".